

As Praias em Seu Aspecto Moral

Por Pe. Antonio Laburu, S.J.

Conferência pronunciada em San Sebastian e em Bilbao, 1934

Tradução: Apostolado Maria Santíssima e Modéstia, 2011

www.mariaemodestia.com

ADVERTÊNCIA

Ante a progressão crescente da imoralidade nas praias, o Exmo. e Rev. Sr. Bispo de Vitoria, em Circular de número 195, datada de 10 de Junho de 1934 - reiterando as censuras que em ocasiões anteriores havia dirigido por causa de tal estado de coisas -, recomendava o início de “vigorosas campanhas em prol da moralidade que deve reinar nos locais mais freqüentados de veraneio” (praias, cachoeiras, piscinas, etc.).

A Associação Católica de Pais de Família de Vizcaya, atenta à voz de seu Prelado, encomendou ao R. Pe. JOSÉ ANTONIO DE LABURU, S.J., uma conferência com tal objetivo, que com grande êxito de público se realizou no Teatro Arriaga de Bilbao, no dia 27 de Junho último. E com o fim de que tão autorizada palavra se espalhe, continuando a campanha empreendida até os mais remotos lugares, vem à luz esta conferência.

Bilbao, Julho de 1934.

I - Fundamentação Geral

PRIMEIRAMENTE, para se entender o tema da moralidade nas praias é preciso que se reconheça a existência da prática da nudez neste ambiente.

Em segundo lugar, como a existência das leis naturais não depende de que nós a pensemos, nem está sob nossa decisão a possibilidade de impedir seus efeitos, tão pouco depende de nós que elas existam ou não, que deixem ou não de efetivar as leis psicológicas: pense ou não pense, queira ou não queira, se eu solto este objeto que tenho em minha mão, irremediavelmente ele cai direto ao solo, pela mesma razão de que a atuação da gravidade não depende do meu subjetivismo, senão que é uma lei objetiva e natural, intrínseca aos corpos pesados.

Do mesmo modo, pensasse ou não pensasse, quisesse ou não quisesse, se a nudez põe-se ante a vista, irremediavelmente saltará em quem a veja, e mais ainda em quem a contemple, o ímpeto da paixão que a desencadeia.

Deus Nosso Senhor pôs estímulos psicossomáticos para assegurar a existência do gênero humano.

No plano da Providência, Deus determinou que os homens viessem ao mundo por via da geração (procriação). E como gerar homens - e não bestas - não é um processo meramente fisiológico como no caso dos animais, mas que compreende todo o problema da educação integral do *ser* da pessoa gerada, e essa educação, com todos os cuidados a ela inerentes e os problemas de atender ao cuidado e conservação da prole, são verdadeiras cargas e estão cheios de preocupações e trabalhos, Deus pôs seus atrativos naturais dotando o homem e a mulher de meios psíquicos e fisiológicos peculiares e específicos para que com eles mais facilmente aceitem o plano divino de serem procriadores e educadores de homens - que elevados a ordem sobrenatural, fossem um dia moradores do Céu, por o haverem herdado legitimamente, guardando e conservando a filiação divina, enxertada no Batismo, e devolvida, se a perderam, no Sacramento da Penitência.

Para obter este fim, tão nobre e santo, Deus dispôs **na mútua atração do homem e da mulher** a existência e o uso dos estímulos psicossomáticos.

E fora do matrimônio legítimo, usar ou aceitar os aliciantes da procriação é violar gravemente a lei expressa por Deus e é também deslocar o plano do Criador.

Além dos dois pontos acima referidos, salientemos um terceiro: o estado afetivo peculiar (da atração entre os sexos) com a subsequente tendência que produzem as

sensações desses estímulos psíquico-fisiológicos, são fenômenos naturais.

Senti-las, sem dar atenção e consentimento ao sentimento, não constitui falta moral.

Mas, procurar o sentimento e consentir nele, ainda que tenha surgido involuntariamente, é contra o desígnio expresso por Deus, que somente o dispôs para o fim já indicado – que vem a ser o da procriação dentro do matrimônio.

Ainda um quarto elemento: como estes estímulos são de ordem sensitiva, as tendências sensitivas do homem se lançam a eles antes que o psiquismo superior (intelectivo e volitivo) venha e determine se os deve aceitar ou rechaçar.

E a parte sensitiva não somente precede a intelectivo-volitiva, mas que atrai e cativa a vontade, reforçando com enormes cargas afetivas os atrativos dos estímulos psíquico-fisiológicos ordenados por Deus aos altos fins da perpetuação da vida humana.

Pela parte sensitiva, tende o homem, com força de fera, com faíscas de desejos, ao gozo destes estímulos.

Mas, pela parte racional e da Fé, esse mesmo homem conhece e sabe que não pode tender a estes estímulos nem gozar deles fora do plano divino.

E em um mesmo “Eu”, por radicar nele estas duas faculdades sensitivo-afetivas e intelectivo-volitivas, se sente o antagonismo da luta destas duas tendências.

Não está em nossas mãos e em nosso subjetivismo transformar e mudar a constituição essencial do homem.

O homem tem faculdades sensitivo-afetivas e intelectivo-volitivas.

E, fora do mesmo subjetivismo do homem, existem estímulos independentes de seu querer, que, uma vez que se teve a sensação deles, desencadeiam as subseqüentes cargas afetivas com as tendências a que elas dão lugar.

E como estas tendências e cargas afetivas hão de mover-se dentro dos casos assinalados pelo plano divino, de nenhum modo é lícito a livre admissão e utilização delas, e por isto se deve procurar a eliminação das sensações que, voluntariamente e indevidamente, são causa destas mesmas tendências. E como essas sensações seguem indefectíveis como efeito ou causa dos estímulos psíquico-fisiológicos que as provoca, há que evitar que esses estímulos atuem indevidamente em nossa consciência.

Agora vemos que, entre os estímulos de que viemos falando, o de eficácia mais geral é o da nudez: e nada pode negar que seja precisamente o dominante nas praias de hoje.

Estímulo, o da nudez, que naturalmente desencadeia com toda potência o curso de enormes cargas afetivas e de tendências tempestuosas, que de nenhum modo é lícito ao homem e mais ainda ao cristão, nem despertá-las nem consenti-las.

Na praia há gente que, apenas por estar nela, vê e contempla a nudez.

Que dizer da moralidade destas duas realidades, claramente inegáveis, nas praias de hoje?

Haverá quem se atreva a negar que na praia, tal como a comentamos, os estímulos passionais se transbordem em atividade luxuriante e violem, portanto fortemente os altos fins da divina Providência?

II – Fundamento em Nosso Senhor

Que bom foi Nosso Senhor Jesus Cristo com os pecadores arrependidos!

Perdoou a adúltera arrependida; perdoou Madalena arrependida e saiu em público em sua defesa; perdoou ao ladrão - que, momentos antes, blasfemava dEle - quando balbuciou arrependido nas agonias da morte: “Senhor, lembra-te de mim quando estiveres no teu Reino”.

Esplendido Jesus Cristo ao perdoar, e Ele deu a razão disto: “não vim para chamar os justos, mas os pecadores”.

Por isso contrasta mais com esta amabilidade de Nosso Senhor ouvir de sua boca divina: “*necesse est ut veniant scandala*” (é necessário que venham escândalos). “Ai do mundo por causa dos escândalos! Porque se bem é forçoso (devido à malícia dos homens) que haja escândalos, sem embargo, ai daquele homem que causou o escândalo!”

Já sabe Ele que há de ter escândalos no mundo, isto não é uma novidade... mas “*veruntament vae homini elli per quem scandalum venit*”! (ai daquele por quem vem o escândalo!) “*Expedit ei...*” (Ai daquele!) A este tal, disse Nosso Senhor que lhe era mais conveniente que com uma pedra de moinho amarrada ao pescoço se atirasse no fundo do mar (Mt. XVIII, 7; semelhante: Lc. XVII, 2).

Como caem estas palavras, tremendas como raios, sobre os despidos da Praia!

Escândalo é sinônimo de tropeço, de obstáculo, que a outro se põe no caminho, no qual ao tropeçar lhe ocasiona a queda.

Escândalo, se define em Moral, “**é uma ação ou omissão que proporciona ao próximo ocasião de pecar**”.

A caridade manda remover e afastar todo mal do próximo.

Por isto **o que escandaliza, peca contra a virtude da caridade**, a virtude distintiva que Nosso Senhor Jesus Cristo deu aos seus discípulos.

Por que o que escandaliza, não só não remove e afasta do próximo todo mal, mas lhe põe em frente ao tropeço para cair no maior mal, que é o pecado.

Bem se compreende agora o porque das terríveis frases de Nosso Senhor contra o que escandaliza.

Ele veio comunicar aos homens a vida sobrenatural; veio salvar ao gênero humano que havia perdido esta graça divina (Mt. XVIII, 11).

A custa de sua vida cheia de humilhações e de trabalho, e a custa de seu sangue vertido nos tormentos atrozes da morte num Patíbulo, Nosso Senhor redime a todos e a cada um dos nascidos de mulher.

E que venham depois este homem e esta mulher – por quem Nosso Senhor morreu na cruz -, e, por causa de sua sensualidade e seus caprichos, e por causa de sua comodidade e por não querer ser diferentes dos demais, sejam ocasião de tropeço para que os que os vejam, pequem e se condenem.

Bem se compreende agora a frase de Nosso Senhor Jesus Cristo: “... lhe era mais conveniente que com uma pedra de moinho amarrada ao pescoço se atirasse no fundo do mar”.

Quanto tropeço, quanta ocasião de pecar se põe na praia, por causa da nudez!

Que anátemas de Nosso Senhor cairão sobre todos que dêem esta ocasião de pecado!

Ele, o que disse “*si manus tua scandalizat te*” (se tua mão te escandaliza...)... “Se tua mão ou teu pé são ocasião de escândalo (ou de pecado), corta-os e lança-os de ti; pois mais te vale entrar na vida (eterna) manco ou coxo, que com duas mãos ou dois pés ser precipitado ao fogo eterno; e se teu olho é para ti ocasião de escândalo, pega-o e lança-o longe de ti; melhor para ti é entrar na vida (eterna) com apenas um olho, do que ter dois olhos e ser atirado ao fogo do inferno”. (Mt. XVIII, 6-9); **que não dirá da nudez na praia?**

Se até mesmo a mão, o pé, o olho, partes integrantes e tão úteis do nosso ser, se nos são tropeço para pecar, disse Jesus Cristo que as arranquemos e lancemos longe de nós, indicando assim a diligência e a energia com que temos que cortar e precaver a ocasião de pecar, **que dirá Nosso Senhor da nudez e das provocações que, nem sequer são integrantes do viver humano, nem são necessários?**

Nestas frases Nosso Senhor está indicando com que integridade e prontidão temos

de reprimir a ocasião de pecado – o escândalo.

Com que ênfase fala Nosso Senhor, e como quer inculcar-nos o horror ao pecado de escândalo, quando com imperativos repetidos e categóricos nos manda não somente cortar e arrancar, mas ainda lançar longe de nós os membros utilíssimos e integrantes de nosso ser, se nos são ocasião de pecado.

Porque como na conservação da vida humana, deixamos que nos cortem e amputem os membros gangrenados ou enfermos que a ponham em perigo, a troco de conservá-la, com razão infinitamente maior temos de amputar e cortar as ações de nossa vida, que ponham em perigo a felicidade da vida eterna.

III – Fundamento pela Teologia Moral

Todo este escândalo da nudez, assim planejado por aqueles que conhecem a realidade da psicologia humana, tem sido imposto ao mundo com a idéia calculada de arrancar o pudor, fomentando o desencadeamento da sensualidade.

A nudez está bem idealizada (e planejada), em todas as suas formas e variedades, por aqueles que só pretendem a perversão dos costumes e a implantação social de idéias e normas de conduta diametralmente opostas ao conteúdo doutrinal e moral dos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Está bem idealizada a nudez por quem, atizando com o fogo da paixão sexual, quer implantar no mundo um regime de vida de paganismo e um retrocesso à animalidade, para separar-nos da lei do Evangelho.

Os que com estas metas têm implantado a nudez no mundo são os que diretamente intentam que os homens e as mulheres tropecem na nudez, e assim caiam no impudor, na sensualidade desenfreada, na animalidade do prazer, no paganismo da vida, na perversão dos costumes, com o desprezo prático e ideológico da moral de Nosso Senhor, e com o abandono das práticas da vida cristã.

Este é o pecado que tem a denominação na Teologia Moral de “pecado diabólico”, pela intenção demoníaca que encerra de induzir ao pecado e de varrer do mundo a doutrina moral de Nosso Senhor Jesus Cristo. É o pecado “*maximum et horrendum*”, o pecado máximo e horrendo.

Dessas fontes nasce o pecado de escândalo, fontes ocultas, calculadas, e que contam para chegar ao seu fim, com o conhecimento da psicologia das paixões e com as inclinações veementíssimas da sensualidade humana.

Estas são as fontes da nudez, ocultas e para muitos desconhecidas.

Mas, elas têm uma exibição patente e explícita no comportamento de tanta gente que não pretende – ao menos é o que dizem - induzir ao pecado com a sua nudez, mas tampouco cuidam de precaver os perigos morais que essa sua nudez pode causar nos próximos.

Esta gente sabe, como nenhum homem - nem muito menos cristão(!) - pode ignorar, que a nudez é para os outros que a vêem, estímulo de cargas afetivas e de desencadeamento de tendências, que, por seu ímpeto e por sua lubricidade, são grave tropeço para guardar a lei de Deus na matéria da Castidade; e apesar disto, exibem seu nudismo sem atender à suas conseqüências.

E se exibem, não como o enfermo que com justa causa se põe ante o reconhecimento do médico, mas porque a moda de hoje – e também porque não querem destoar dos demais -, a comodidade, o prazer e o gozo mais refinado, lhe incitam a seguir essa onda nudista e a não refrearem o desejo de gozar.

Preferem (eles e elas) seu gozo e sua diversão ao mal espiritual do próximo - e seu próprio - que deriva do nudismo, apenas para não parecer destoar da moda em voga nas

praias.

Como a ressoar, ante esta conduta, as tremendas ameaças e frases condenatórias de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A este tal – ao que a troco de seguir a corrente da moda e de não regatear-se o prazer, exhibe seu nudismo nas praias –, “*expedit ei...*”, lhe era muito mais conveniente do que ter esta conduta tomar uma pedra de moinho, amarrar ao pescoço e jogar-se no fundo do mar...

A diligência e a energia, a prontidão e perfeição, com que Nosso Senhor quer que afastemos o pecado de escândalo - ao repetir com empenho enfático que, mesmo a mão, o pé, o olho, os arranquemos e lancemos longe, antes que nos sejam tropeço ao pecado - está reproduzido na moral cristã, quando nela se ensina que **mesmo as ações que em si mesmas não sejam indutoras ao pecado, mas que ao próximo possam servir de tropeço por sua ignorância, temos obrigação de suprimir, com exceção se tratar-se de preceito, ou se esta supressão causar para nós grave inconveniente.**

Entre os judeus recém-convertidos ao Cristianismo em Roma, havia quem cresse que não se podia comer das carnes dos animais sacrificados aos ídolos, e que depois eram vendidas nos açougues públicos, e nem se podia beber do vinho cujas primícias se haviam oferecido em honra aos ídolos.

A estes cristãos, com consciência errônea, o apóstolo São Paulo os chama “*ifirmi*”, isto é, “débeis” e mal formados na fé.

Porque esses alimentos que os enfermos e débeis na Fé acreditavam ser ilícitos e proibidos, na verdade não eram.

E porque não eram alimentos ilícitos e proibidos, os cristãos retamente instruídos comiam e bebiam deles.

Mas esta conduta dos cristãos instruídos era tropeço e escândalo aos cristãos não bem-formados em sua fé, porque ou diminuía neles o crédito na fé que professavam, ao ver que seus irmãos em Religião usavam dos alimentos que eles acreditavam ser proibidos, e com isto perigava sua fé; ou lhes punha em perigo de pecar se com má consciência comiam eles também o que conceituavam proibido.

São Paulo determina então a conduta que deviam seguir os cristãos retamente instruídos, e lhes diz:

Podeis comer dos alimentos, absolutamente, pois a lei evangélica não proíbe de comê-los. Mas, como há irmãos vossos, que ao vos ver comer desses alimentos – ainda que por falta de verdadeira instrução -, perigam na sua fé, ou os comem contra sua consciência, e portanto pecam, podeis comê-los se quiser quando estiveres só, e não os escandalizeis.

Mas em público, e ante vossos irmãos “débeis”, não os comais: (Rm. XIV, 15) “*noli cibo tuo illum perder pro quo Christus mortuus est*” (não faças perecer por causa do teu alimento alguém pelo qual Cristo morreu!) porque “se pelo que comes, teu irmão se contrista e se escandaliza, tu já não procede conforme é a caridade. Não queira por causa de teu alimento perder aquele por quem Cristo morreu.”

A troco de não ser tropeço a seu irmão, não queiras comer e beber do que não podes.

E para confirmar esta regra São Paulo se baseia num grande estímulo e poderosíssima razão, para todo verdadeiro cristão: CRISTO deu a vida por teu irmão; tu, pela vida espiritual e eterna de seus irmãos, deixa de tomar estes alimentos! Cristo, a teu irmão morto deu a vida; tu, não queira remover-lhe essa vida a teu irmão, pelo gosto de comer estes alimentos.

O amor de Cristo é o motivo que São Paulo põe para que não se escandalize aos demais.

Com este estímulo exorta aos de Roma, e com o mesmo argúi aos de Coríntio (I Cor. VIII, 12-13).

“Assim, acontece que, [se eu comer estes alimentos, acabo] pecando contra os irmãos e ferindo sua consciência pouco firme, [e com isto] venha a pecar contra Jesus Cristo. Por isto, **se o que eu como escandaliza a meu irmão, não comerei em minha vida carne (alguma) para não escandalizar a meu irmão**”. **Esta é a conduta e os conselhos de São Paulo.**

Jesus Cristo disse expressamente, que o que se fizesse por um de seus pequeninos Ele tomava como se tivesse sido feito a Ele mesmo. (Mt, XXV, 40)

Por isso, aquele que escandaliza o próximo peca contra Nosso Senhor, porque destrói a obra dEle nas almas que lhe custou seu sangue e sua vida.

Por isso São Paulo, como bom Mestre, não somente ensinava, mas ia à frente com o exemplo: a troca de não escandalizar a seus irmãos, não é que apenas deixe de comer da carne sacrificada aos ídolos, mas que em absoluto jure abster-se de comer toda carne, e não por um dia nem dois, mas para sempre, com o fim de não ser escândalo a seu irmão, redimido por Nosso Senhor.

Eis o freio poderoso para evitar o escândalo ativo: não fazer nem sequer uma pessoa – redimida por Nosso Senhor - perecer por nossa causa.

Aquele que não perece – e por isso não será desgraçado por toda eternidade -, é o que freia bruscamente aquele escândalo procurado (intencional).

Aquele a quem a Paixão e Morte de Nosso Senhor não são estéreis, vendo perecerem as almas redimidas a custa de tanto sofrimento do Homem-Deus, tem aí o motivo eficaz para evitar tanto dar escândalo, como ir procurá-lo.

E no caso da nudez na praia, essas são as únicas razões e os únicos freios para não exhibir esta nudez e para não vê-la nem contemplá-la.

IV – O Que Dizer dos Católicos que Frequentam tais Lugares?

Mas, precisamente porque essas razões e esses freios não existem em tantas das pessoas que se encaminham às praias, por isto pululam neste local a nudez e os contempladores da nudez.

Compreendo que não tenham as idéias expostas até aqui aqueles que renegam e desprezam a moral e a doutrina do Evangelho.

E, por conseguinte, compreendo perfeitamente a conduta que esses mesmos hão de ter nas praias, compreendo sua nudez, compreendo sua avidez pela nudez. É a avidez da sensualidade, que busca saciar seus ímpetos.

É o instinto que reclama imperiosamente o objeto de suas tendências.

Todavia vão demasiado vestidos os que não admitem o Evangelho, nem esperam a vida futura, nem crêem ser mais do que animais em maior perfeição evolutiva. Os animais, como são incapazes de ter pudor, sempre estão sem vestimentas.

Mas, o que não é compreensível, nem tem explicação lógica, é que essa mesma conduta dos depreciadores da moral cristã, a tenham muitos dos que se têm por cristãos e dos que aparentemente se consideram católicos.

Esta é a raiz, senhoras e senhores, da conduta destes a quem me refiro, que somente são cristãos na aparência.

Simulacros de Cristãos, manequins de cristãos.

Mas não de vida cristã, não cristãos verdadeiros.

Ante suas diversões, ante a cor de sua pele, ante seu gozo, ante o não ser diferente dos demais, ante o não destoar, fazem tabula rasa de todos os princípios da Moral Cristã e de todos os preceitos do Evangelho.

Nem a ruína das almas pela eternidade, nem atentar contra a Paixão de Jesus Cristo, nem quebrar a cruz ou pisoteá-la lhes importa mais que o mínimo.

Um campo livre para seu prazer, livre desenvolvimento para sua diversão, sem

preocupar-se se com estar matando almas – começando pela própria -, almas por quem Jesus Cristo morreu para dar a vida.

Divirtam-se eles e elas; gozem sem freio a sensualidade; tenham mais musculatura e cor mais morena... as almas?... Nosso Senhor?... Que lhes importa!

E chacoteiam da Moral, e nem a crêem e na prática a desprezam.

E chacoteiam... e fazem como um espetáculo, querem ser os primeiros daqueles que não ficam para trás diante de toda novidade que têm sido posta em atuação nas praias.

E a nudez completa – com o eufemismo de “banho de sol” -, etiqueta vergonhosa com que se cobre toda a cínica realidade presente nas praias.

E o maiô...

E as posturas...

E os jogos, e os trajés...

E os bailes, com os seus próprios horrores...

O reverso absoluto da moral de Nosso Senhor Jesus Cristo.

E entretanto, os que espreitam e os que contemplam, e os meninos que copiam e os adolescentes que se incendeiam nos fulgores do instinto...

Como ecoam aqui as palavras de Jesus Cristo: “mais valeria que com uma pedra de moinho amarrada ao pescoço, se atirassem ao fundo do mar.”

V - Estamos vivendo um Cristianismo de medalhas ao peito e imagens em casa... e de nudez exibicionista e contemplada na praia e nas diversões

Nada disto é compreensível entre cristãos.

Por isso nada têm de cristãos os que seguem estas condutas nas praias e nos espetáculos.

Não é compreensível, entre cristãos, que se faça pouco caso da moral de Nosso Senhor, com a notoriedade e a ostentação e a constância reiterada com que se conduzem nas praias.

Para eles, nem a palavra de Deus sobre o pecado de escândalo tem valor algum, nem a doutrina moral cristã os convence, nem a palavra do Vigário de Cristo lhes merece crédito, nem a Pastoral Coletiva dos Metropolitanos (30 de Abril de 1926), nem as dos próprios Prelados lhes interessa nem lhes importa um centavo.

E, senhoras e senhores, estes cristãos a quem nem a moral de Cristo convence, nem a palavra de seu Vigário merece crédito, nem preocupam as Pastorais dos bispos, nem comovem a terrível imprecação de Deus ao falar do pecado de escândalo; esses, ainda que levem ao pescoço as medalhas de todos os Santos, e tenham em sua casa imagens com iluminações perpétuas, e pertençam a cem Irmandades e Congregações e Confrarias, e se hajam educado nos Colégios de Religiosos e Religiosas, *não vivem como Cristãos*; são somente manequins de cristãos.

Que bem se faria em desmascarar aos falsos cristãos!

Estamos vivendo um cristianismo acomodaticio, subjetivo... de missa e mesmo de comunhão pela manhã... e de praia e de cinema saturado de luxúria... e de excursões mistas pela tarde.

Estamos vivendo um Cristianismo de medalhas ao peito e imagens em casa... e de nudez exibida e contemplada na praia e nas diversões.

Que bem se fará em desmascarar a tantos falsos cristãos!

Se evitaria com isto o descrédito de nossa Sacrossanta Religião, e o escárnio contra o nosso catolicismo aos que vêem que nenhuma diferença existe entre os que desprezam e negam o Evangelho e muitos dos que se dizem “católicos”, e que aceitam a

nudez, as diversões [despudoradas] e os espetáculos [imorais].

VI - Eleazar Preferiu a Morte a dar Escândalo Para o seu Povo

Na perseguição contra o povo Judeu, narrada no segundo livro dos Macabeus (II Mc, V, II) entrou Antíoco em Jerusalém e mandou a seus soldados matar a quantos judeus encontrassem, e ir buscá-los em suas casas.

Em três dias mataram 80.000 judeus (jovens e velhos, mulheres e crianças), aprisionaram 40.000 e venderam a outro tanto.

Se saqueou e profanou o Templo.

E enviou Antíoco emissários seus (II Mc, VI) que obrigaram aos judeus a apostatar de sua Religião. Prenderam a Eleazar...

E agora leio textualmente a Sagrada Escritura:

“Eleazar era um dos principais doutores da Lei, varão de idade avançada e de venerável presença. Queriam forçá-lo a comer carne de porco (proibida na Lei de Moisés), enfiando-lha na boca.

“Mas ele, preferindo uma morte cheia de glória a uma vida vergonhosa, dirigiu-se voluntariamente para a tortura do tímpano, tendo antes cuspidado fora o que tinha na boca.

“E considerando como devia portar-se neste lance, sofrendo com paciência, resolveu não fazer por sua vida, nenhuma coisa contra a Lei.

“[Assim é que devem fazer os que corajosamente querem resistir ao que não é permitido comer, nem mesmo por amor à própria vida.]

“Os que dirigiam esse sacrifício proibido, velhos amigos de Eleazar, movidos por uma cruel compaixão, e em atenção a antiga amizade que tinham com ele, tomando-o à parte, propuseram-lhe que tomasse carne permitida, [por ele mesmo preparada], para poder assim fingir que havia cumprido a ordem do rei de comer carnes “sacrificadas aos ídolos”, a fim de que desta maneira se libertasse da morte. Desta espécie de humanidade usavam com ele por efeito da antiga amizade que lhe professavam.

“Mas Eleazar, dominado de outros sentimentos dignos de sua idade e de seus veneráveis cabelos brancos, como também de sua antiga nobreza nativa, e de sua boa conduta que havia observado desde menino, respondeu subitamente, conforme aos preceitos da Lei Santa estabelecida por Deus, e disse: [‘Podeis mandar-me para a mansão dos mortos’]”, pois que ele mais queria morrer antes de consentir no que se lhe lamentem os jovens, e também a toda sua nação...

Eleazar temeu ser escândalo aos de seu povo.

Ofereciam-lhe carnes que ele podia comer, mas isso não o podiam saber os que lhe vissem aceitar os alimentos dos inimigos de sua Religião.

E ante o temor de ser tropeço a todos os de seu povo, com seu exemplo e o que representava, preferiu a morte entre suplícios atrozes.

VII - Pela dignidade do nome cristão não colaboreis pessoalmente com o escândalo das praias

Senhoras e senhores, seguidores de Jesus Cristo em sua doutrina e sua moral, ante a realidade da nudez exibida, vista e contemplada das praias (e dos espetáculos); ante ao pecado de escândalo com a ruína de tantas almas, e o agravo e ofensa a Jesus Cristo, não se lhes pede por Jesus Cristo e seu Vigário na terra, e seus Pastores os bispos, que vão ao suplício de um martírio refinado e cruel como foi o de Eleazar.

Mas, com toda energia e com toda perfeição, se lhes manda por Jesus Cristo e seu Representante, que observeis e façais observar “a modéstia cristã a todo custo”, que são

palavras de sua Santidade, o Vigário de Jesus Cristo.

A todo custo, a todo apuro: a custo de não divertir-se, se divertir-se pode chamar-se revolver-se na luxúria; a custo de não passar com a tonalidade com o mundo atual, se esta tonalidade atual significa a regressão à animalidade, ainda que mascarada com nomes e paliativos irrisórios; a todo apuro, também de não ter tanta força muscular, nem cores mais acentuadas, demonstrando como cristãos que se estima mais a vida da alma própria e dos irmãos e também a honra da Pessoa e Religião de Nosso Senhor Jesus Cristo do que a saúde do corpo.

A Pastoral Coletiva dos Metropolitanos Espanhóis, de 30 de abril de 1926, sobre a imodéstia dos costumes públicos, ditou em comum seus acordos, normas e disposições, que são os seguintes:

“É obrigação grave dos católicos o combater e destruir a pornografia... em qualquer uma das suas manifestações impudicas.

Em conseqüência deverão abster-se:

De assistir e autorizar com sua presença espetáculos que... despertam a luxúria...

De favorecer negócios em que se comercializa a custo da virtude...

De consentir e autorizar a nudez.”

Proibições que se em alguma parte tem triste aplicação é na atual devassidão da praia.

“Pela dignidade do nome cristão”, como disse Sua Santidade Pio XI, é indispensável acabar com tais danos que corrompem e infectam os povos “porque nós levamos todos os rastros do Sangue do Redentor, testemunho esplendido dos destinos eternos que nos esperam”. (Discurso de Sua Santidade aos Delegados da União Internacional de Assoc. Catól. Femininas. – 28 de Outubro de 1925) (1).

Pela dignidade do nome cristão – não colaboreis pessoalmente com o escândalo das praias -, não permitais entre vossos filhos e subordinados que eles participem de tão grave crime.

E àquele que pessoalmente colabore ou permita aos seus que causem escândalo, desmascare-o, advirta-o em público, estabelecendo assim os campos do verdadeiro e do falso catolicismo.

Atualmente se têm desarticulado os dois pontos em que descansa o eixo social do catolicismo: os costumes e o bom uso do dinheiro.

Está se desarticulando a vida cristã, a vivendo acomodaticamente, segundo conveniências.

E o Catolicismo é integral. Há que vivê-lo e praticá-lo como é, como Jesus Cristo o deixou implantado.

Que lamentações se escutam de “como se permitiu isto, que fazem as autoridades que o consentem?”, e variantes similares sobre o mesmo tema.

Não nos refugiemos em ir buscar o remédio num lugar distante, onde nossas mãos não alcançam.

E pelo contrário, tomemos, como cristãos, resoluções que dependam tão somente de nosso querer.

Há quem tudo espera que caia do céu, e regulado por uma força que o imponham extrinsecamente.

Essas soluções, além de inúteis, têm um “que” de esterilizar a eficácia dos meios mais ao nosso alcance.

Se todas as famílias cristãs pusessem os meios ao seu alcance - sem excetuar nenhum - para evitar o pecado de escândalo nas praias e espetáculos, ainda talvez que não se conseguisse com isto (ou que talvez sim) moralizá-los pela força do exemplo, se conseguiria certamente salvar ao Cristianismo do escárnio e do desprezo com que hoje lhe podem olhar os que contemplan aos que se chamam católicos e... ao mesmo tempo se

põem em nudez e impudor como os mais descuidados em religião.

Se em lugar da farsa farisaica de crer que se cumpre com a consciência de cristãos alargando uns imperceptíveis milímetros ou centímetros nos trajes de banhos e espetáculos para aplacar o peso na consciência e permanecer tranqüilos, persuadindo-se que assim já não serão como os demais, se ao invés disto se procede-se com verdadeira perfeição e valentia cristã, ressuscitando os trajes com que nossas gerações se banharam, e com os que não se sufocaram nem perderam a saúde, se conseguiria, além de dar a face pelo pudor - e de regressar para os direitos da moral de Jesus Cristo vilipendiada -, fixar claramente os campos entre aqueles que em público vendem seus corpos e com ele não lhes importa roubar almas a Deus, nem desprezar o sangue de Jesus Cristo, e os que não se rebaixam ao nível mais abjeto da animalidade e são coerentes com as doutrinas católicas que professam.

Não sofre tanto a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo pelos perseguidores que a odeiam, quanto pelos que, chamando-se seus filhos, a vendem com sua conduta pagã e abertamente imoral.

E não há de vir o remédio para os males em que Deus Nosso Senhor tem permitido que nos encontremos, simplesmente pela extinção dos perseguidores, mas sim pela instauração franca, valente, sem hipocrisia nem covardia, da doutrina e moral de Cristo, no viver integral da vida de todos e cada um dos cristãos.

(1) Ver sobre este mesmo assunto as Pastorais, tão admiráveis por seu zelo e por suas normas, do Exmo. E Revmo. Sr. Bispo de Vitória, Dr. D. Mateo Mugica.